

DIVERSIDADE DO MERCADO DE TANGERINAS¹

Antonio Ambrosio Amaro²
Denise Viani Caser³

1 - INTRODUÇÃO

A produção e o consumo mundial de frutas cítricas, dentre as quais as tangerinas, apresentaram fortes aumentos na década de 1990, quando a produção de tangerinas expandiu-se rapidamente (72% entre 1999 e 2000 e média dos anos 80s) permitindo níveis mais elevados de comércio e de consumo *per capita* (Tabela 1).

Como, em geral, não se dispõe de informações referentes à área plantada (ou número de árvores), não é possível avaliar as variações decorrentes da ampliação dos pomares e/ou da produtividade por hectare.

Entretanto, mesmo com avanços no transporte e beneficiamento das frutas (inclusive de embalagens) e com aumento de qualidade observou-se mundialmente uma queda nos preços. Como resultado, a taxa de expansão de novos plantios foi sendo reduzida, revelando, de certa forma, uma preocupação com eventuais excedentes de produção (FAO, 2002).

Atualmente, os maiores produtores de tangerinas são: China, Espanha, Japão e Brasil, seguidos pela Coreia do Sul, Itália, Turquia e Estados Unidos (Figura 1).

A Espanha é o maior exportador de tangerinas (em média 65% da sua produção), respondendo por cerca de 50% do total mundial, e tem tido expressivo sucesso com as variedades de Clementinas sem sementes. Outros grandes exportadores são: China, Marrocos (em média 53% da sua produção) e Turquia (em média 28% da sua produção) (Tabela 2).

Ao contrário da laranja, o processamento industrial de tangerinas, em nível mundial, é bastante reduzido, estimado ao redor de 10%

da produção. O consumo dos produtos processados é geograficamente disperso e difícil de ser avaliado, uma vez que parte do suco de tangerinas é misturado com suco de laranja (cor e *blend*). As tangerinas são pouco propícias para produção de suco concentrado devido à menor porcentagem de suco nas frutas, custos mais elevados de colheita e de transporte e tendência para perda de aroma do suco. A utilização para processamento comumente se origina de tangerinas que são descartadas no beneficiamento da fruta para mercado (AMARO, 1999).

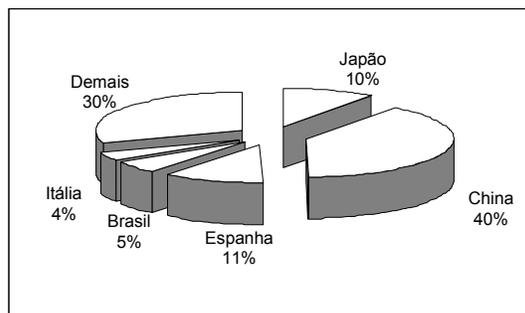


Figura 1 - Produção¹ Mundial de Tangerinas, 2001/02.

¹Produção de 14.979 mil t.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da FAO (2002) e USDA (2003).

Os maiores produtores de tangerinas em calda (gomos ou inteiras) são: China, Espanha e Japão, enquanto nos Estados Unidos e Brasil a industrialização é quase exclusivamente dirigida à produção de suco concentrado (Tabela 3).

Esse panorama revela que a produção de tangerinas é quase totalmente comercializada na forma de fruta fresca e em geral consumida nos próprios países onde são produzidas. Os principais importadores são: Alemanha, França, Reino Unido, Holanda, Polônia, Estados Unidos⁴, Canadá e Rússia.

Evidencia-se, portanto, que a qualidade das frutas oferecidas ao consumo deve ser con-

¹Este trabalho faz parte da pesquisa NRP1137, cadastrada no Sistema de Informações Gerenciais dos Agronegócios (SIGA). Os autores agradecem a colaboração de Gisele Froes Moreno, estagiária do Instituto de Economia Agrícola.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Estatística, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Nos Estados Unidos as Clementinas da Espanha estavam até recentemente proibidas por questões fitossanitárias.

TABELA 1 - Produção Mundial de Tangerinas, Média 1980/81 a 1988/89 e nas Safras 1997/98 a 2001/02

(1.000 toneladas)

País	1980/81 a 1988/89 (média)	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01 ¹	2001/02 ¹
Japão	2.763	1.773	1.471	1.704	1.398	1.532
China	1.687	6.910	5.068	6.472	5.132	5.908
Espanha	1.157	1.970	1.760	2.070	1.780	1.655
Brasil	502	781	760	770	905	...
Itália	426	534	443	637	593	...
Estados Unidos	362	443	401	505	421	473
Coréia dos Sul	346	655	516	635	563	651
Marrocos	318	430	399	511	260	310
Argentina	273	409	346	438	501	416
Turquia	231	365	480	500	560	550
Egito	141	460	423	478	481	483
Demais	1.323	1.565	2.315	1.638	1.430	...
Total mundial	9.529	16.295	14.382	16.358	14.024	...
Hemisfério Norte ²	8.515	14.772	12.779	14.654
Hemisfério Sul ²	1.014	1.523	1.603	1.704

¹Dados preliminares sujeitos à revisão.

²Os períodos de produção e colheita referem-se, usualmente, ao início do outono (outubro no Hemisfério Norte e abril no Hemisfério Sul) e se estendem até a primavera (junho no Hemisfério Norte e dezembro no Hemisfério Sul). No Hemisfério Sul a colheita ocorre quase inteiramente durante o segundo ano apresentado.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da FAO (2002) e USDA (2003).

TABELA 2 - Principais Países Exportadores de Tangerinas, Média 1980/81 a 1988/89 e nas Safras 1997/98 a 2001/02

(1.000 toneladas)

País	1980/81 a 1988/89 (média)	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01 ¹	2001/02 ¹
Japão	23	6	3	5	5	5
China	6	193	190	148	179	207
Espanha	747	1.382	1.146	1.360	1.106	1.020
Brasil	6	5	8	12	17	20
Itália	8	49	26	64	72	...
Estados Unidos	15	25	14	28	14	15
Coréia do Sul	-	4	7	6	7	10
Marrocos	164	174	233	272	136	190
Argentina	6	38	31	24	37	40
Turquia	52	123	126	121	157	170
Egito	1	10	9	10	8	10
Demais	208	388	289	363
Total mundial ²	1.236	2.397	2.082	2.413

¹Dados preliminares sujeitos à revisão.

²Os períodos de produção e colheita referem-se, usualmente, ao início do outono (outubro no Hemisfério Norte e abril no Hemisfério Sul) e se estendem até a primavera (junho no Hemisfério Norte e dezembro no Hemisfério Sul). No Hemisfério Sul a colheita ocorre quase inteiramente durante o segundo ano apresentado.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da FAO (2002), USDA (2003) e SECEX (2003).

TABELA 3 - Processamento Industrial de Tangerinas, Principais Países, Média 1980/81 a 1988/89 e nas Safras 1997/98 a 2001/02
(1.000 toneladas)

País	1980/81 a 1988/89 (média)	1997/98	1998/99	1999/00	2000/01 ¹	2001/02 ¹
Japão	627	275	113	280	121	130
China	-	275	355	442	170	286
Espanha	118	250	219	285	253	220
Brasil	-	170	170	170	170	...
Itália	48	105	83	165	198	...
Estados Unidos	156	185	153	207	157	165
Coréia dos Sul	-	14	5	33	27	56
Marrocos	23	10	7	10	0	0
Argentina	6	60	39	36	46	45
Turquia	18	37	48	50	56	55
Egito	-	5	5	5	2	0
Demais	59	149	112	59	82	...
Total mundial ²	1.055	1.535	1.309	1.742	1.282	...

¹Dados preliminares sujeitos à revisão.

²Os períodos de produção e processamento referem-se, usualmente, ao início do outono (outubro no Hemisfério Norte e abril no Hemisfério Sul) e se estendem até a primavera (junho no Hemisfério Norte e dezembro no Hemisfério Sul). No Hemisfério Sul a colheita ocorre quase inteiramente durante o segundo ano apresentado.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados da FAO (2002) e USDA (2003).

siderada como característica principal, destacando-se, também, a importância de uma boa apresentação (seleção e embalagem), além de eficiente logística de distribuição, com o objetivo de procurar atender ao máximo as exigências dos consumidores. Tal situação não é diferente no Brasil e, em particular, no Estado de São Paulo.

2 - PRODUÇÃO E COMÉRCIO NO BRASIL E EM SÃO PAULO

2.1 - Área, Produção e Produtividade

“As tangerinas constituem o segundo grupo de frutas cítricas mais importantes na citricultura mundial. Ocupam, possivelmente, maior faixa de adaptação climática, uma vez que são plantas tolerantes a níveis altos e baixos de temperatura ambiental. Entre as variedades mais cultivadas destacam-se a Satsuma, Mexerica, Ponkan, Dancy e Cravo, além dos híbridos Murcot e Lee” (FIGUEIREDO, 1991).

O Brasil, segundo a FAO (2002), mantém-se como o quarto produtor mundial de tangerinas, com área plantada superior a 50 mil hecta-

res e produção ao redor de 800 mil toneladas por ano.

Os principais Estados produtores são pela ordem: São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia e Minas Gerais, que devem perfazer na soma 90% da área total plantada. Por uma série de fatores, a escassez de estatísticas atualizadas de área (ou número de pés) e de produção, em termos de Brasil, tornam praticamente inviáveis análises mais aprofundadas da evolução da cultura, excetuando-se São Paulo. Todavia, a idéia que se tem é que, nos últimos dez anos, o número de pés plantados vem sendo expandido e a área mantida estável (OLIVETTE; CASER; CAMARGO, 2002) nesses cinco Estados, enquanto a produção vem aumentando.

Essa conjuntura faz com que as análises que seguem se refiram apenas ao Estado de São Paulo, onde o Instituto de Economia Agrícola (IEA) e a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI) promovem, em conjunto, levantamentos sistemáticos e estudos sobre a citricultura, inclusive tangerinas, cujos dados são devidamente consistidos. Portanto, mesmo com eventuais vieses estatísticos, as informações disponíveis podem ser consideradas úteis para a formulação de políticas e orientação aos produtores e

demais agentes da cadeia produtiva de tangerinas. Outras fontes de informação são constantemente consultadas, dentre as quais IBGE, FUNDECITRUS, SECEX, FGV e CEAGESP.

No cenário, com base nessas informações, pode-se destacar alguns pontos: a) o intenso plantio na década de 1990 fez com que, em São Paulo, a média do total de plantas de 1998 a 2001 representasse um aumento da ordem de 34% em relação à média do período 1985 a 1996; b) nos últimos três anos, uma desaceleração no ritmo de plantio, principalmente de Poncã e de Tangor Murcote, a julgar-se pela proporção de plantas novas (até 3 anos) e diante da preocupação por parte dos produtores com a incidência de pragas e doenças na citricultura; c) menor interesse da indústria de suco em absorver e processar tangerinas a partir de 1999, coincidindo com colheitas recordes de laranja; d) a existência de regiões, no Estado, com variados espaçamentos de plantio, o que torna difícil avaliar com mais precisão a área total plantada com a cultura de tangerinas estimada em cerca de 27 mil hectares; e) a presença de inúmeros pequenos pomares, espalhados nas diferentes regiões paulistas, também dificulta estatísticas mais aprimoradas; e f) a inexistência de estimativas de pomares erradicados e de plantas que morrem e são arrancadas anualmente, o que permitiria elaborar melhores projeções de oferta e, portanto, os dados apresentados devem ser vistos com a devida cautela (Tabelas 4 a 8 e Figura 2).

Embora não se disponha de dados oficiais sobre os plantios anuais (pois não havia até 2000 uma divulgação sistemática sobre a produção e/ou vendas de mudas) estima-se que, em média, tenham sido plantadas em 2001, 2002 e 2003 ao redor de 350 mil mudas por ano, contra picos da ordem de 600 mil por ano, entre 1996 e 2000. Outros pontos a se observar são: a) quase triplicou o percentual de viveiros telados de outubro de 2002 a março de 2003 e b) é ainda muito expressiva (66%) a presença do limão cravo como porta-enxerto diante da doença Morte Súbita dos Citros (Tabelas 9, 10 e 11).

Quanto à participação das principais variedades plantadas observa-se que a Poncã detém com folga a primeira posição (58%). Ao mesmo tempo, verifica-se que o Tangor Murcote vem recebendo crescente preferência dos produ-

tores, em contraposição à redução da Cravo, no período 1986 a 2002 (Tabela 12).

Esse quadro é consistente com o desinteresse da indústria em processar tangerinas, em particular a variedade Cravo, e também com a evolução positiva das exportações de Tangor Murcote, uma fruta mais valorizada no mercado externo e interno, mais exigente em tratamentos culturais. A presença de variedades de tangerinas sem sementes deverá alterar esse panorama a longo prazo. Para a Mexerica parece haver um comércio mais estabilizado em termos quantitativos.

Por se tratar de cultura perene, na qual a grande maioria de produtores domina as técnicas básicas de cultivo e implantada em regiões pouco sujeitas a fortes adversidades climáticas, a produção de tangerinas em São Paulo tem aumentado nos últimos vinte anos, acompanhando a expansão de área cultivada.

Quando se comparam as estimativas de produção entre a média de 2001 a 2003 com a média da década de 1990 observa-se que houve um aumento da ordem de 28%, com um recorde de 20 milhões de caixas (816 mil toneladas) em 2000.

De 1985 a 2003, a produtividade média por planta em produção mostrou pouca variação, com exceções, para mais ou para menos, em poucos anos. No caso da Poncã, devido ao adensamento de cultivo, a produção por hectare estaria sendo ainda maior.

Cabe ainda lembrar que comparações com rendimentos observados em outros países ou regiões devem ser feitas com os devidos cuidados, pois as proporções de plantas por faixas etárias e as densidades de plantio diferem bastante. Raciocínios semelhantes devem ser considerados quando a comparação é feita entre pomares, principalmente entre aqueles que apresentam ou não falhas por morte de plantas.

2.2 - Comércio Internacional

Na exportação brasileira de frutas cítricas, as tangerinas ocupam a segunda posição em volume e valor, superada apenas pela laranja, tendo alcançado em 2002 a marca de US\$7,0 milhões (FOB) equivalentes a embarques de 19,6 mil toneladas, ao preço médio de US\$359,00 por tonelada (Tabelas 13, 14 e 15).

TABELA 4 - Evolução da Cultura de Tangerinas¹, Estado de São Paulo, 1985 a 2003

Ano	Pés novos		Pés em produção (1.000)	Total de pés (1.000)	Produção		Produtividade (cx./pé)	
	1.000	%			1.000cx.	1.000t	Aparente	Ajustado
1985	460	6	6.770	7.230	16.370	668	2,3	2,4
1986	491	7	6.245	6.736	14.670	485	1,8	1,9
1987	597	8	6.640	7.237	15.092	479	1,6	1,8
1988	553	8	6.621	7.174	14.442	453	1,5	1,7
1989	660	9	6.590	7.250	14.790	603	2,0	2,2
1990	795	11	6.330	7.125	14.100	575	2,0	2,2
1991	760	11	6.840	6.810	14.240	581	2,1	2,3
1992	955	14	5.975	6.930	13.535	552	2,0	2,3
1993	735	11	5.660	6.395	13.550	553	2,1	2,4
1994	1.180	16	6.400	7.580	14.900	608	2,0	2,3
1995	1.170	17	5.880	7.050	13.720	560	1,9	2,3
1996	1.415	19	5.920	7.335	13.735	560	1,9	2,3
1997	1.729	22	6.282	8.011	15.474	631	1,9	2,5
1998	1.975	21	7.477	9.452	17.677	723	1,9	2,4
1999	1.802	18	7.853	9.655	19.349	789	2,0	2,5
2000	1.386	16	8.198	9.584	19.999	816	2,1	2,4
2001	1.141	12	8.025	9.166	19.462	794	2,1	2,4
2002 ²	880	11	7.499	8.379	19.341	789	2,3	2,6
2003 ³	860	10	7.529	8.389	18.799	767	2,2	2,5

¹Inclui Mexerica, Tangor Murcote, Poncã e Cravo.

²Previsão de junho de 2002; 5º levantamento, sujeito à revisão.

³Preliminar, sujeito à revisão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 5 - Evolução da Cultura de Tangerina Poncã, Estado de São Paulo, 1985 a 2003

Ano	Pés novos		Pés em produção (1.000)	Total de pés (1.000)	Produção		Produtividade (cx./pé)	
	1.000	%			1.000cx.	1.000t	Aparente	Ajustado
1985	300	8	3.450	3.750	9.130	372	2,4	2,6
1986	240	7	3.200	3.440	7.220	295	2,1	2,3
1987	240	7	3.150	3.390	7.280	297	2,1	2,3
1988	280	8	3.110	3.390	6.910	282	2,0	2,2
1989	320	9	3.180	3.500	7.250	296	2,1	2,3
1990	350	10	3.130	3.480	7.070	288	2,0	2,2
1991	370	10	3.210	3.580	7.880	321	2,2	2,4
1992	490	13	3.230	3.720	7.540	308	2,0	2,3
1993	440	13	2.960	3.400	7.400	302	2,2	2,5
1994	780	18	3.550	4.330	8.470	346	2,0	2,4
1995	750	18	3.330	4.080	7.890	322	1,9	2,4
1996	950	22	3.335	4.285	7.785	318	1,8	2,3
1997	1.060	24	3.400	4.460	8.425	344	1,9	2,5
1998	1.242	21	4.517	5.759	10.267	419	1,8	2,3
1999	1.212	20	4.878	6.090	12.010	490	2,0	2,5
2000	866	14	5.116	5.982	12.450	508	2,1	2,4
2001	632	11	4.889	5.521	11.847	483	2,1	2,4
2002 ¹	447	9	4.437	4.884	11.552	471	2,4	2,6
2003 ²	453	9	4.527	4.980	11.408	465	2,3	2,5

¹Previsão de junho de 2002; 5º levantamento, sujeito à revisão.

²Preliminar, sujeito à revisão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 6 - Evolução da Cultura de Tangor Murcote, Estado de São Paulo, 1989 a 2003

Ano	Pés novos		Pés em produção (1.000)	Total de pés (1.000)	Produção		Produtividade (cx./pé)	
	1.000	%			1.000cx.	1.000t	Aparente	Ajustado
1989	160	10	1.420	1.580	3.350	137	2,1	2,4
1990	185	12	1.400	1.585	3.250	133	2,0	2,3
1991	120	9	1.110	1.320	2.690	110	2,0	2,4
1992	160	14	990	1.150	2.345	96	2,0	2,4
1993	145	13	930	1.075	2.320	95	2,2	2,5
1994	190	16	980	1.170	2.380	97	2,0	2,4
1995	190	16	960	1.150	2.380	97	2,1	2,5
1996	260	20	1.015	1.275	2.660	108	2,1	2,6
1997	391	21	1.447	1.838	3.749	153	2,0	2,6
1998	379	22	1.351	1.730	3.587	148	2,1	2,7
1999	394	21	1.449	1.843	3.676	150	2,0	2,5
2000	332	17	1.566	1.898	3.865	158	2,0	2,5
2001	340	19	1.538	1.878	3.792	155	2,0	2,5
2002 ¹	278	15	1.631	1.909	4.171	170	2,2	2,6
2003 ²	274	14	1.638	1.912	4.037	165	2,1	2,5

¹Previsão de junho de 2002; 5º levantamento, sujeito à revisão.

²Preliminar, sujeito à revisão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 7- Evolução da Cultura de Tangerina Mexerica, Estado de São Paulo, 1985 a 2003

Ano	Pés novos		Pés em produção (1.000)	Total de pés (1.000)	Produção		Produtividade (cx./pé)	
	1.000	%			1.000cx.	1.000t	Aparente	Ajustado
1985	120	16	640	760	1.220	50	1,6	1,9
1986	110	18	615	725	1.170	48	1,6	1,9
1987	70	11	590	660	1.150	47	1,7	1,9
1988	80	12	600	680	1.150	47	1,7	1,9
1989	80	12	590	670	1.130	46	1,7	1,9
1990	60	9	580	640	1.080	44	1,7	1,9
1991	50	8	580	630	1.090	44	1,7	1,9
1992	70	10	600	670	1.100	45	1,6	1,8
1993	110	11	850	960	1.730	70	1,8	2,0
1994	135	14	840	975	1.660	68	1,7	2,0
1995	180	19	750	930	1.560	64	1,7	2,1
1996	135	15	770	905	1.630	66	1,8	2,1
1997	218	24	695	913	1.570	64	1,7	2,2
1998	213	22	916	1.129	2.078	85	1,8	2,3
1999	101	6	867	968	1.985	81	2,0	2,3
2000	95	11	774	869	1.742	71	2,0	2,3
2001	101	12	746	847	1.573	64	1,9	2,1
2002 ¹	97	14	577	674	1.394	57	2,1	2,4
2003 ²	77	12	548	625	1.330	54	2,1	2,4

¹Previsão de junho de 2002; 5º levantamento, sujeito à revisão.

²Preliminar, sujeito à revisão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 8 - Evolução da Cultura de Tangerina Cravo¹, Estado de São Paulo, 1985 a 2003

Ano	Pés novos		Pés em produção (1.000)	Total de pés (1.000)	Produção		Produtividade (cx./pé)	
	1.000	%			1.000cx.	1.000t	Aparente	Ajustado
1985	40	1	2.680	2.720	6.020	246	2,2	2,2
1986	70	4	1.640	1.710	3.510	143	2,0	2,1
1987	135	8	1.320	1.655	3.320	135	2,0	2,2
1988	70	5	1.440	1.510	3.050	124	2,0	2,1
1989	110	7	1.400	1.510	3.060	125	2,0	2,2
1990	200	14	1.220	1.420	2.700	110	1,9	2,2
1991	220	16	1.180	1.400	2.580	105	1,8	2,2
1992	235	17	1.155	1.390	2.550	104	1,8	2,2
1993	40	4	920	960	2.100	86	2,2	2,3
1994	75	7	1.030	1.105	2.390	98	2,2	2,3
1995	50	6	840	890	1.890	77	2,1	2,2
1996	70	8	800	870	1.660	68	1,9	2,1
1997	60	7	740	800	1.730	71	2,2	2,3
1998	141	17	693	834	1.745	71	2,1	2,3
1999	95	13	659	754	1.678	68	2,2	2,5
2000	93	11	742	835	1.942	79	2,3	2,6
2001	68	7	852	920	2.250	92	2,4	2,6
2002 ²	58	6	854	912	2.224	91	2,4	2,6
2003 ³	56	6	816	872	2.024	83	2,3	2,5

¹Inclui tangerinas cravo e outras variedades não especificadas (n.e.).

²Previsão de junho de 2002; 5º levantamento, sujeito à revisão.

³Preliminar, sujeito à revisão.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

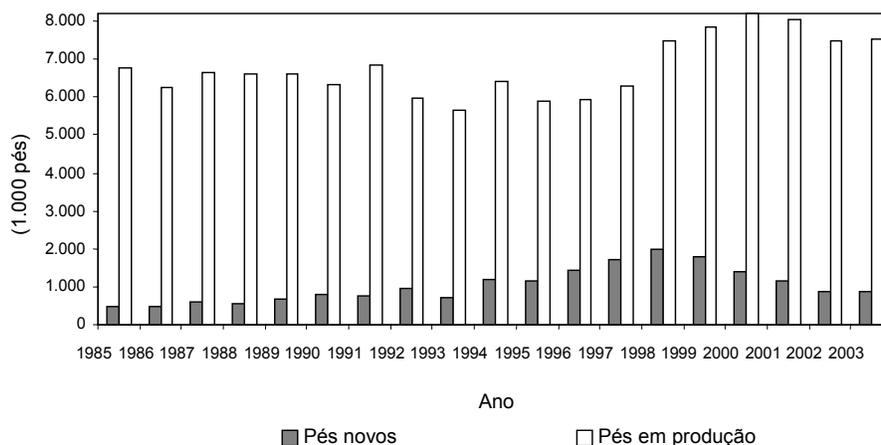


Figura 2 - Evolução de Pés Novos e em Produção de Tangerinas, Estado de São Paulo, 1985 a 2003.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 9 - Mudanças em Viveiros de Tangerinas, Estado de São Paulo, Outubro de 2002 e Março de 2003

Copa	Outubro de 2002		Março de 2003		Diferença	
	n.	%	n.	%	n.	%
Poncã	241.818	51	40.737	31	201.081	59
Murcote	169.958	36	66.415	51	103.543	30
Mexerica Rio	33.762	7	13.244	10	20.518	6
Cravo	21.343	5	5.291	4	16.052	5
Outras n.e.	6.027	1	5.053	4	974	-
Total	472.908	100	130.740	100	342.168	100

Fonte: Elaborada a partir de dados do FUNDECITRUS, São Paulo, 2003.

TABELA 10 - Mudanças de Tangerinas por Tipo de Viveiro, Estado de São Paulo, Outubro de 2002 e Março de 2003

Copa	Outubro de 2002					Março de 2003				
	Aberto		Telado		Total quantidade (n.)	Aberto		Telado		Total quantidade (n.)
	Quantidade (n.)	%	Quantidade (n.)	%		Quantidade (n.)	%	Quantidade (n.)	%	
Poncã	219.154	91	22.664	9	241.818	22.178	54	18.559	46	40.737
Murcote	83.987	49	85.971	51	169.958	12.328	19	54.087	81	66.415
Mexerica Rio	28.576	85	5.186	15	33.762	1.941	15	11.303	85	13.244
Cravo e n.e.	19.870	73	7.500	27	27.370	4.959	48	5.385	52	10.344
Total	351.587	74	121.321	26	472.908	41.406	32	89.334	68	130.740

Fonte: Elaborada a partir de dados do FUNDECITRUS, São Paulo, 2003.

TABELA 11 - Mudanças de Tangerinas, por Copa/Porta-Enxerto, Estado de São Paulo, Outubro de 2002

Copa	Porta-Enxerto	Número de mudas	%
Poncã	Li. Cravo	140.876	58
	Tg. Cleópatra	88.241	36
	Ponc. Trifoliata	11.135	5
	Cit. Swingle	1.540	1
	Volkamericano	26	-
Subtotal		241.818	100
Murcote	Li. Cravo	145.015	85
	Tg. Cleópatra	21.548	13
	Laj. Doce	3.280	2
	Cit. Swingle	115	-
Subtotal		169.958	100
Mexerica-Rio	Tg. Cleópatra	17.771	53
	Li. Cravo	13.193	39
	P. Trifoliata	2.798	8
Subtotal		33.762	100
Cravo e n.e.	Li. Cravo	12.954	47
	Tg. Cleópatra	7.596	28
	Ponc. Trifoliata	6.820	25
Subtotal		27.370	100
Total		472.908	100

Fonte: Elaborada a partir de dados do FUNDECITRUS, São Paulo, 2003.

TABELA 12 - Variedade de Tangerinas Plantadas no Estado de São Paulo, 1986 a 2002

(em %)

Variedade	1986	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Mexerica	11	9	9	10	15	13	13	12	11	12	10	9	9	8
Murcote	13	22	19	17	17	15	16	17	23	18	19	20	20	23
Poncã	51	49	52	53	53	57	58	59	56	61	63	62	60	58
Cravo e n.e.	25	20	20	20	15	15	13	12	10	9	8	9	10	11

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 13 - Quantidade de Tangerinas Exportadas pelo Brasil, por País de Destino, 1980, 1985 e 1990 a 2002

(em tonelada)

Ano	União Européia			NAFTA Canadá	Ásia				Outros	Total
	Holanda	Portugal	Reino Unido		Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait	Indonésia		
1980	1.951	-	15	-	-	-	108	-	9.703	11.777
1985	2.721	-	44	266	360	-	490	-	220	4.101
1990	3.438	448	24	326	174	148	13	-	50	4.621
1991	6.032	221	29	774	525	249	85	-	1	7.916
1992	5.799	87	59	813	29	469	-	-	3	7.259
1993	4.449	218	-	684	171	233	-	-	306	6.061
1994	6.622	654	-	197	-	162	-	-	265	7.900
1995	5.893	881	463	115	-	237	-	-	344	7.933
1996	5.133	78	359	201	116	424	-	317	972 ¹	7.599
1997	4.180	73	43	71	200	334	24	2.903	1.498 ²	9.325
1998	3.042	197	-	-	89	375	45	-	1.560 ³	5.308
1999	1.699	255	161	270	334	310	58	1.186	3.245 ⁴	7.518
2000	2.060	78	1.077	1.399	650	179	40	1.936	4.613 ⁴	12.032
2001	1.498	39	1.108	2.347	952	333	55	4.599	6.327	17.258
2002	1.691	441	1.034	2.386	1.158	479	95	4.012	8.258	19.554

¹Inclui: Hong Kong e Cingapura.²Inclui: Hong Kong, Malásia, Rússia e Cingapura.³Inclui: Hong Kong, Malásia, Filipinas, Maurício, Uruguai e Cabo Verde.⁴Inclui: Hong Kong, Malásia, Filipinas, Cabo Verde, Barein, Espanha, Cingapura, Vietnã e Alemanha.

Fonte: SECEX (2003).

TABELA 14 - Valor da Exportação de Tangerinas pelo Brasil, por País de Destino, 1980, 1985 e 1990 a 2002

(em US\$1.000)

Ano	União Européia			NAFTA Canadá	Ásia				Outros	Total
	Holanda	Portugal	Reino Unido		Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait	Indonésia		
1980	306	-	2	-	-	-	17	-	3.263	3.587
1985	688	-	11	91	135	-	180	-	64	1.169
1990	985	199	6	63	72	61	5	-	26	1.417
1991	1.712	63	9	231	199	86	25	-	1	2.326
1992	1.555	43	28	225	7	136	-	-	2	1.996
1993	1.065	87	-	205	43	59	-	-	81	1.539
1994	1.564	169	-	79	-	42	-	-	66	1.920
1995	2.167	447	197	65	-	126	-	-	240	3.243
1996	1.633	37	132	64	49	162	-	71	538	2.685
1997	1.575	47	14	31	111	178	13	1.722	994	4.685
1998	1.128	98	-	-	61	222	16	-	999	2.524
1999	543	115	64	114	210	149	30	602	1.936	3.763
2000	682	33	401	589	337	86	22	753	2.074	4.977
2001	562	15	373	1.031	444	130	26	1.547	2.569	6.697
2002	584	162	339	844	524	167	40	1.416	2.940	7.016

Fonte: SECEX (2003).

TABELA 15 - Preço Médio de Exportação de Tangerinas no Brasil, por País de Destino, 1980, 1985, 1990 a 2002

(em US\$/t)

Ano	União Européia			NAFTA Canadá	Ásia				Outros	Total
	Holanda	Portugal	Reino Unido		Arábia Saudita	Emirados Árabes	Kuwait	Indonésia		
1980	156	-	133	-	-	-	157	-	336	304
1985	253	-	250	342	375	-	367	-	292	285
1990	287	444	250	193	414	412	385	-	519	307
1991	284	285	310	298	379	345	294	-	1.091	294
1992	268	494	475	277	241	290	-	-	710	275
1993	239	398	-	299	251	251	-	-	265	254
1994	236	258	-	401	-	261	-	-	250	243
1995	368	508	426	563	-	532	-	-	700	409
1996	318	476	368	316	417	381	-	224	554	353
1997	377	646	333	442	555	532	527	593	664	502
1998	371	505	-	-	684	592	364	-	640	476
1999	320	450	396	423	629	480	515	507	597	500
2000	331	425	372	421	519	483	547	389	450	414
2001	375	379	337	439	467	390	474	336	406	388
2002	345	367	328	354	453	350	420	353	356	359

Fonte: SECEX (2003).

A partir de 1990, observa-se uma nítida tendência de aumento dos volumes exportados, embora representem apenas de 2% a 3% da produção nacional. A variedade mais exportada é o Tangor Murcote, pelas suas qualidades organolépticas e boa apresentação no mercado.

Em termos de valor exportado houve aumento da ordem de 5 vezes quando se comparam os totais registrados em 1990 e 2002. No período todo analisado, o preço médio anual por tonelada foi de US\$358 (com mínimo de US\$243 e máximo de US\$502), com variações por países de destino e em alguns anos específicos por condições conjunturais.

Os países da União Européia são os maiores importadores de tangerinas do Brasil, com destaque de embarques para a Holanda, em vista de suas excelentes condições portuárias e estrutura de comércio, de onde a fruta é reembarcada para outros países. Para o Canadá e Países da Ásia, particularmente para a Indonésia, as exportações têm se mostrado crescentes e com preços médios mais elevados e ascendentes, o que pode ser atribuído à qualidade e apresentação das frutas. De acordo com dados da SECEX (2003) as tangerinas do Brasil se encontram presentes em mais de vinte países (sem considerar as revendas a partir da Holanda). Os avanços tecnológicos na conservação e transpor-

te de frutas têm permitido os envios de tangerinas a praticamente todas as partes do mundo.

Os principais concorrentes do Brasil no mercado internacional são: Espanha, Marrocos, Turquia e Argentina. Uma das vantagens para os exportadores brasileiros é a comercialização em período do ano diferente de outros exportadores tradicionais, com qualidade e quantidade. Outro fator de vantagem competitiva importante é a diversificação de frutas exportadas pelos fornecedores brasileiros, pois lhes permite atender aos importadores e grandes redes de distribuição com os suprimentos requeridos a cada momento.

As restrições fitossanitárias impostas pelos Estados Unidos continuam a restringir ou impedir as exportações de tangerinas do Brasil e de outros importantes países produtores.

Pela sua abundante produção de tangerinas, disponíveis praticamente durante o ano todo, o Brasil tem importado pequenas quantidades da fruta fresca⁵ para atender a uma parcela restrita de consumidores de elevado nível de renda e que os supermercados procuram suprir em certos períodos do ano.

A desvalorização do real em relação ao dólar (taxa de câmbio), de 1999 a 2002, também tem desestimulado a importação de tangerinas

⁵Inclusive Clementinas da Espanha.

que, segundo a SECEX (2003) nesse período não ultrapassou a 1,3 mil toneladas, uma vez que os preços na origem têm sido elevados, em comparação com as cotações praticadas no mercado interno brasileiro. Os dois únicos fornecedores têm sido Espanha e Uruguai que produzem tangerinas (clementinas) sem sementes e que até agora se mostram uma novidade para os consumidores brasileiros (Tabela 16).

3 - CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DE DISTRIBUIÇÃO DE FRUTA FRESCA

Na citricultura não há como deixar de considerar que os sistemas de produção de fruta, destinada ao consumo *in natura*, distinguem-se daqueles em que a fruta será principalmente industrializada. Entretanto, deve-se evitar tratar a questão de forma bipolar, separando o mercado de fruta fresca, uma vez que, mesmo no caso das tangerinas, trata-se de uma situação comercial com características de vasos comunicantes à medida que parcelas da produção serão enviadas para processamento.

Quando se considera a produção brasileira de tangerinas, a participação do mercado de fruta fresca tem sido da ordem de 80% (no mínimo), pois a industrialização estaria absorvendo cerca de 5 milhões de caixas (40,8kg).

No Brasil, a estrutura de comercialização de frutas e em particular de tangerinas não difere daquela observada em outros países. A entrega da fruta pode ser feita: na propriedade (já embalada ou somente colhida), ou posta na porta do exportador ou do atacadista comprador, ou ainda no mercado de destino ou em postos de recepção dos supermercados.

Conquanto não se disponha de estudos recentes sobre quais desses sistemas prevalecem atualmente na comercialização de tangerinas, no Brasil ou em São Paulo, seja em volume de fruta, seja em número de produtores que os adotem, pode-se empiricamente admitir que a maior parte está sendo vendida pelos produtores a preço previamente fixado por unidade (*spot*). Tanto em um como em outro caso há evidências de que a colheita vem sendo feita pelos produtores, enquanto o transporte e o beneficiamento são de responsabilidade dos atacadistas compradores ou exportadores.

As vendas para supermercados estão

aumentando, através de fornecimento pelos produtores e/ou pelos atacadistas. As vendas diretamente a consumidores se limitam a quantidades pequenas e em cidades do interior do País (AMARO, 1999).

No Rio Grande do Sul o comércio de tangerinas é feito preponderantemente por atacadistas que adquirem a fruta diretamente dos produtores do Estado (às vezes em São Paulo) para venderem em Porto Alegre, após beneficiamento em *packing-houses*. Em nível de atacado, a Central de Abastecimento S.A. (CEASA-RS), em Porto Alegre, é o principal centro de concentração e distribuição.

A produção mineira de tangerinas é destinada principalmente a Belo Horizonte, enquanto grande parte da produção da região sul do Estado (principalmente de Poncã) é enviada para São Paulo.

No Estado de São Paulo, o mercado atacadista de citros é constituído pela rede de Entrepósitos e Armazéns da CEAGESP, incluindo o Entrepósito Terminal do Jaguaré (ETJ-SP), complementado pelo Mercado Central da Capital e pelas Centrais de Abastecimento de Campinas e de Santo André.

Da mesma forma que nos países da Europa Ocidental, também já se observa no Brasil um processo de perda de importância dos entrepostos oficiais no comércio atacadista de frutas. Nesse contexto, destacam-se as centrais de compras e distribuição (CD) das grandes redes de supermercados que vêm buscando otimizar as funções de suprimento de suas lojas através da aquisição diretamente de produtores, impondo sistemas de normatização de produtos, de embalagens e de horários de recebimento de frutas.

A falta de condições para uso de *palets* com empilhadeiras e as pressões trabalhistas de carregadores sindicalizados são fatores que oneram os custos de comercialização nas Centrais de Abastecimento, dificultando a modernização do setor.

Mais recentemente, vem se constatando que os supermercados têm preferido comprar frutas de "fornecedores", em substituição a atacadistas que trabalham com uma (ou poucas) espécie, à medida que podem receber por meio de um (ou poucos) único agente, com escala de programação, todas suas necessidades de frutas ("romaneio").

TABELA 16 - Preço Médio da Importação de Tangerinas, Mandarinas, Satsumas, pelo Brasil, por País de Procedência, 1996 a 2002

(US\$/kg)							
País	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Uruguai	0,43	0,50	0,40	0,38	0,38	0,25	0,23
Espanha	-	0,82	0,69	0,91	0,72	0,75	0,61
Demais	0,65	0,41	-	-	-	-	-
Média	0,60	0,48	0,44	0,55	0,55	0,50	0,42

Fonte: SECEX (2003).

Quanto ao mercado varejista, as feiras livres, sacolões e varejões se constituem em importantes equipamentos na distribuição de frutas em geral, principalmente em áreas de população de menor renda, suplantando a atuação de ambulantes e quitandas, que vêm perdendo expressão relativa.

Conquanto exista no Brasil um setor industrial fabricante de máquinas e equipamentos para seleção e classificação de frutos cítricos, incorporando modernas tecnologias e qualidade internacional, o número de *packing-houses* que adotam tais avanços tecnológicos é ainda bastante reduzido.

Contribuem para essa situação vários fatores, dentre os quais, inexistência de linhas oficiais de crédito com recursos destinados ao aparelhamento e modernização dessas empresas, com instalações antigas (algumas em zona rural) e a falta de uma legislação estabelecendo condições específicas para seu funcionamento, exceto para aquelas que atuam na exportação.

Essa situação se agrava pelo não conhecimento oficial do número de *packing-houses* instalados e em funcionamento no Brasil e mesmo em São Paulo.

Observe-se, ainda, que parte dessas empresas trabalha também com outras frutas, o que permitiria impulsionar a modernização desse segmento e a capacitação de recursos humanos mais qualificados.

Não se dispõe de dados estatísticos oficiais para o comércio de fruta fresca no mercado interno brasileiro, a não ser os volumes mensais comercializados nos entrepostos atacadistas da CEAGESP (BOLETIM, 2002) e de algumas centrais de abastecimento nas principais capitais dos Estados.

Dessa forma, ficam sem ser mais bem analisados: os volumes comercializados no mercado atacadista da capital paulista representado

pelo Mercado Central Municipal e armazéns particulares localizados em suas adjacências; as quantidades de frutas enviadas diretamente dos barracões de embalagem (*packing-houses*) do interior para as grandes redes de supermercados e os volumes comercializados nas maiores cidades do interior de São Paulo. Cabe registrar que significativas quantidades de tangerinas são enviadas diretamente do interior de São Paulo para outros Estados.

Os dados da CEAGESP permitem avaliar as variações mensais e entre anos, servindo pela sua expressão como bons indicadores e tendências do comércio na Região Centro-Sul do País, tanto para quantidades comercializadas, como para preços no atacado.

No tocante às tangerinas, cabe diferenciar em princípio o Tangor Murcote, cuja oferta é mais tardia ocorrendo em maior volume de julho a outubro. De outra parte, as tangerinas Cravo e Poncã têm um perfil de oferta concentrado de abril a julho, podendo-se afirmar que, em São Paulo, há boa disponibilidade durante o ano todo, decorrente, em grande parte, do volume de produção espalhado por todas as regiões do Estado, de modo que há sempre frutos frescos em condições de maturação para serem comercializados.

Considerando-se o período 1992 a 2002 o volume de Poncã comercializado no Entrepasto Terminal do Jaguaré (CEAGESP), bem como os respectivos preços médios praticados nas vendas (expressos em dólar), observa-se que, à medida que as quantidades foram aumentando, a tendência dos preços anuais foi declinante a partir de 1995. Em 1998 registrou-se uma elevação do preço médio anual que pode ser atribuída à redução na quantidade comercializada, que ficou 33% abaixo daquela observada no ano anterior. A valorização em 2000 pode ser atribuída a fortalecimento da demanda no mercado interno brasileiro (Tabela 17).

TABELA 17 - Volume Comercializado e Preço de Tangerina Poncã, CEAGESP, Estado de São Paulo, 1992 a 2002

Ano	Volume comercializado		Preço médio de venda			Receita total (US\$)
	t	cx.40,8kg	US\$/kg	US\$/cx.22kg	US\$/cx.40,8kg	
1992	40.169	984.534	0,24	5,28	9,79	9.640.560
1993	45.863	1.124.093	0,20	4,40	8,16	9.172.600
1994	44.360	1.057.255	0,30	6,60	12,24	13.308.000
1995	60.401	1.480.417	0,45	9,90	18,36	27.180.450
1996	54.771	1.342.426	0,42	9,24	17,13	23.003.820
1997	70.293	1.722.868	0,28	6,16	11,42	19.682.040
1998	46.961	1.151.005	0,37	6,82	12,65	17.375.570
1999	71.469	1.751.691	0,18	3,96	7,34	12.864.420
2000	77.455	1.898.407	0,23	5,06	9,38	17.814.650
2001	78.220	1.917.148	0,16	3,61	6,53	12.515.200
2002	70.303	1.723.109	0,16	3,50	6,53	11.248.480

Fonte: ANUÁRIO (2002) e Instituto de Economia Agrícola.

Como reflexo das variações de preços e quantidades anualmente comercializadas, o valor total das vendas também mostrou uma tendência de redução, tendo superado 20 milhões de dólares em 1995 e 1996, contra a média aproximada de 16 milhões no período.

No caso da Tangor Murcote, as variações nas quantidades anualmente comercializadas foram menores, oscilando ao redor da média aproximada de 557 mil caixas (40,8kg) no mesmo período analisado. Entretanto, a partir do pico de preço médio registrado em 1994 (logo após a implantação do real), a tendência das cotações médias de vendas praticadas também tem se mostrado declinante. A repentina recuperação observada em 1998, em relação a 1997, pode ser atribuída ao significativo aumento nos preços de Poncã, uma vez que as quantidades de Tangor Murcote, comercializadas nesses dois anos, foram quase iguais (Tabela 18).

O valor total das vendas mostrou-se declinante desde 1994 (à exceção de 1998) com média aproximada de US\$9,0 milhões, no período.

Deve-se, todavia, consignar que esse período analisado (1992-2002) foi marcado por choque econômico com mudança de moeda (real) e variações bruscas da taxa de câmbio em certos momentos, de forma que os valores apresentados devem ser vistos com a devida cautela e antes de tudo como indicadores de tendência.

Evidentemente outras variáveis, além da taxa de câmbio, afetam os preços agrícolas, tais como: períodos de colheita e, no caso das tangerinas, as cotações de banana em nível de atacado, uma das frutas concorrentes no consumo.

Outros pontos que merecem ser citados são os preços pagos aos citricultores que, costumeiramente, estão referenciados em dólar nos contratos de compra e venda de pomares, os quais, em sua grande proporção, são mistos (laranja e/ou tangerina e/ou limão).

Analisando-se em termos reais de valores de 2002, usando-se o IPCA como deflator, também se observa que as tendências dos preços de Poncã e de Tangor Murcote no mercado atacadista foram declinantes.

Há ainda que se registrar que no último ano da série estudada (2002) ocorreram recuperações dos preços da tangerina Poncã e do Tangor Murcote em relação aos últimos dois anos.

Esse comportamento do mercado pode ser em grande parte atribuído ao significativo aumento da produção total de tangerinas.

Como elo final na cadeia de distribuição, o comércio varejista é de vital importância para os citricultores, destacando-se que a estrutura existente é reflexo principalmente da renda média dos consumidores e das condições de suprimento das frutas nos grandes centros de consumo. Contudo, comerciantes varejistas, por falta de iniciativa ou por receio de introduzirem novos procedimentos, procuram manter suas escalas e métodos operacionais de vendas, em geral, praticando preços com menores coeficientes de amplitude do que aqueles calculados para o atacado.

Quanto aos preços correntes no varejo, na capital paulista, a tendência no período 1998 a 2002 foi de relativa estabilidade, com um padrão estacional que evidencia menores preços de abril a setembro, coincidindo com o período de tempe-

TABELA 18 - Volume Comercializado e Preço de Tangor Murcote, CEAGESP, Estado de São Paulo, 1992 a 2002

Ano	Volume comercializado		Preço médio de venda			Receita total (US\$)
	t	cx.40,8kg	US\$/kg	US\$/cx.26kg	US\$/cx.40,8kg	
1992	22.989	563.456	0,31	6,82	12,65	7.126.590
1993	21.177	519.044	0,33	7,26	13,46	6.988.410
1994	21.691	531.642	0,86	18,92	35,09	18.654.260
1995	23.938	586.716	0,64	14,08	26,11	15.320.320
1996	26.600	479.240	0,43	9,46	17,54	11.438.000
1997	22.971	563.015	0,33	7,26	13,46	7.580.430
1998	23.204	568.725	0,45	9,90	18,36	10.441.800
1999	21.981	538.750	0,19	4,18	7,75	4.176.390
2000	25.539	625.956	0,20	4,40	8,16	5.107.800
2001	27.376	670.989	0,24	6,36	9,79	6.570.240
2002	19.786	484.941	0,23	6,05	9,38	4.550.780

Fonte: ANUÁRIO (2002) e Instituto de Economia Agrícola.

raturas mais baixas, de maiores quantidades ofertadas e a concorrência com banana (produto competitivo), principalmente da Poncã (Tabela 19).

Como o Estado de São Paulo representa importante ponto de origem de suprimento de tangerinas para as principais capitais da Região Centro-Sul do País, também nessas cidades observam-se variações de preços semelhantes àquelas registradas no mercado paulista. Assim, tanto no Rio Grande do Sul como no Rio de Janeiro (grande mercado consumidor de frutas), os preços são mais elevados de novembro a março, acompanhando o padrão de variação estacional de preços no atacado em São Paulo.

Quando se toma o valor do salário mínimo oficial como indicador do poder de compra de tangerinas pelo consumidor na cidade de São Paulo, no período 1998 a 2002, expresso em dúzias/mês, é possível observar que: a) nos meses de maior disponibilidade da fruta - abril a setembro - a média do poder de compra mensal é 22% maior que nos demais meses (95 contra 78 dúzias); b) em relação ao trimestre janeiro a março, período de preços mais elevados de tangerina durante o ano, embora tendo de concorrer com outras frutas de época (figo, uva, banana, goiaba, etc.) na preferência dos consumidores, a média do poder de compra mensal é 34% maior (95 contra 71 dúzias); c) em comparação com a média dos últimos três meses do ano, é apenas 12% maior (95 contra 85 dúzias), lembrando-se porém que de novembro a abril são registrados preços de tangerina mais altos que na média anual; d) limitando-se a análise tão somente ao período de abril a setembro (safra), verifica-se

que na média em 2001 e 2002, o poder de compra do salário mínimo foi 33% maior comparativamente à média do triênio 1998 a 2000 (112 contra 84 dúzias) (Tabela 19).

4 - ASPECTOS DO COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR

É comum observar que nos estudos sobre cadeias produtivas de frutas o comportamento do consumidor final é pouco explorado, ainda que se reconheça sua importância.

Em setor varejista bastante pulverizado, a evolução do supermercado, com a entrada de grandes redes internacionais no mercado brasileiro, vieram desencadear mudanças no processo de comercialização e na coordenação da cadeia produtiva, anteriormente nas mãos de atacadistas que dominavam as fontes de informações. Essas alterações são mais evidentes no abastecimento das classes de renda A e B.

Nas demais classes permanecem os pequenos equipamentos de varejo (feiras, sacolões e pequenos supermercados) que ainda se abastecem nas grandes centrais de comércio atacadista, a exemplo da CEAGESP. Em contrapartida, as grandes redes criaram centrais próprias de compras e recepção de frutas, supridas por fornecedores e/ou diretamente por produtores (ou cooperativas).

A exemplo do que vem ocorrendo em outros países, também no Brasil o comportamento dos consumidores e as mudanças estruturais no comércio de frutas frescas, industrializadas e/ou

TABELA 19 - Variação Estacional de Preços de Tangerina no Varejo e Poder de Compra do Salário Mínimo, Cidade de São Paulo, 1998 a 2002

Mês	Variação de preços (Índice)	Poder de compra do salário mínimo (dúzias)					Média ¹
		1998	1999	2000	2001	2002	
Janeiro	108	82	-	62	75	72	73
Fevereiro	118	69	63	68	55	80	67
Março	109	68	59	70	73	92	72
Abril	103	75	62	78	97	104	83
Mai	94	83	70	83	123	110	94
Junho	87	76	98	88	122	118	100
Julho	94	60	93	82	123	118	95
Agosto	90	66	109	92	110	114	98
Setembro	88	70	119	99	106	105	100
Outubro	98	69	91	106	95	86	89
Novembro	106	62	81	93	96	78	82
Dezembro	104	76	84	97	84	75	83

¹Média de preços de Poncã, Murcote, Cravo e Mexerica, na cidade de São Paulo.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

minimamente processadas seguem as mesmas tendências, dentre as quais, pelas suas implicações podem ser relacionadas: a) estrutura etária da população brasileira que está envelhecendo; b) maior grau de informação quanto aos efeitos das frutas para a saúde e preocupação com a forma física; c) diminuição do número médio de moradores por domicílio; d) crescente participação das mulheres no mercado de trabalho (23% em 1971 e 40% em 1998); e) maiores gastos e frequência de refeições fora de casa; f) maior uso de equipamentos para refrigeração; g) papel da propaganda na mídia eletrônica e em revistas especializadas; e h) setor varejista cada vez mais concentrado em supermercados e perda de expressão relativa de feiras livres e quitandas.

Apesar de o padrão alimentar ter uma base comum, a demanda por frutas e a diversidade de espécies consumidas é maior nas famílias de padrão de renda mais elevado, tratando-se de produtos de alta elasticidade-renda.

Estudos recentes têm procurado identificar, entre outros parâmetros, quais os atributos que uma fruta deve reunir para atender os desejos dos consumidores e qual a confiabilidade nas fontes de informações sobre frutas que são consideradas (pré-compra).

Informações na fase de pós-compra revelam avaliações que irão se incorporar à experiência dos produtores, servindo para suas tomadas de decisões no plantio e na comercialização de frutas.

Pesquisas⁶ realizadas em São Paulo pelo Ministério da Integração Nacional (IRRIGAÇÃO, 2002), em 1999 e 2002, constataram que a qualidade é o principal atributo a ser considerado nas exigências dos consumidores e expressaram as seguintes considerações quanto aos principais problemas na compra de frutas, dentre as quais pode-se incluir as tangerinas: preço elevado (49%); falta de produto (43%); manchado, deformado, com lesões (29%); passado (25%); estragado (23%); mistura de tamanho (17%); mistura de grau de maturação (13%); mistura de variedades (11%); resíduos de defensivos (9%) e nenhum (7%). Deve-se considerar, ainda, que 60% dos consumidores chegam aos pontos de vendas com uma lista definida de frutas que pretendem adquirir.

Como se pode observar trata-se de problemas que advêm ou podem ser em grande parte sanados nos *packing-houses* e/ou pelos gerentes ou repositores das frutas nas gôndolas ou bancas de vendas.

Abordados quanto à compra e razões de consumo de frutas os resultados mostram que os consumidores de produtos frescos embalados ou minimamente processados demandam: praticidade (69%); facilidade de consumo/preparo (51%); higiene (32%); qualidade (29%); aparência (25%); sabor (16%) e outros (31%).

⁶Amostra em 300 lojas e 900 consumidores, em 18 cidades do Estado de São Paulo, valendo respostas múltiplas (R.M.).

No tocante às práticas adotadas pelos supermercados na escolha de fornecedores de frutas frescas e de pré ou minimamente processadas, os resultados da pesquisa mostram as seguintes exigências, aplicáveis também às tangerinas: cumprimento da qualidade (84%); atender data de entrega (57%); produto classificado (46%); atender a quantidade (38%); tipo de embalagem (28%); código de barras (22%); rotulagem e etiquetagem (10%) e paletização para descarga (3%).

Dentre essas condições mais uma vez evidencia-se, claramente, a eficiência nos *packing-houses*, incluindo-se o uso de água e higiene no manuseio das frutas.

Finalmente, deve-se salientar que a tendência é a presença de grandes fornecedores, e que os pequenos produtores que não se organizarem correm o risco de ficarem fora desse mercado.

5 - PROBLEMAS ATUAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as dificuldades e problemas que a fruticultura brasileira apresenta pode-se apontar os seguintes: a) inadimplência financeira na comercialização que se espalha por todos os elos da cadeia produtiva; b) existência de mercados paralelos⁷ que prosperam pela falta de fiscalização eficiente; c) repasse aos produtores, por parte de alguns supermercados, das perdas que ocorrem em seus estabelecimentos (armazéns e

lojas) devido principalmente a manuseio e exposição inadequados, agravados por compras acima das necessidades; d) falta de controle sobre a qualidade na venda das frutas (incluindo resíduos de defensivos acima de limites permitidos e insuficiente grau de maturação); e) falta de normas disciplinares de comercialização e definição de padrões que permitiriam melhor classificação e acondicionamento das frutas; e f) carência de recursos humanos capacitados para atuarem em várias etapas do processo produtivo comercial.

Ainda que o elenco de soluções seja muito amplo e comporte inúmeras propostas, não seria demais apontar algumas: a) normas para padronização de frutas (incluindo grau de maturação) e, portanto, elementos para classificações bem feitas representarão alternativas fundamentais para propiciar condições aos produtores de se associarem, conferindo-lhes poder de barganha para atuarem comercialmente de forma direta com os supermercados e com grandes compradores; b) utilização de máquinas mais modernas e eficientes de classificação e acondicionamento de frutas, a exemplo do que ocorre com os equipamentos dotados de processamento eletrônico para tamanho, peso e cor; c) divulgação pelos órgãos do Governo dos resultados mensalmente obtidos nas análises de resíduos de defensivos; d) nas campanhas promocionais de vendas usar as fontes de informação consideradas mais confiáveis pelos consumidores, ou seja, médicos de família e nutricionistas; e e) adotar a prática de rótulo nas embalagens oferecendo aos consumidores informações seguras e úteis, o que possivelmente conduzirá à fidelidade de boas marcas.

⁷Vendas nas ruas ao redor do Mercado Central e do Entrepósito Terminal do Jaguaré (CEAGESP - ETJ).

LITERATURA CITADA

AMARO, A. A. **O agronegócio da tangerina**. Palestra no Centro de Citricultura de Sylvio Moreira (APTA). São Paulo, 6 maio 1999.

ANUÁRIO DA AGRICULTURA BRASILEIRA - Agrianual 2002. São Paulo: FNP Consultoria & Comércio, 2002.

BOLETIM ANUAL DA CEAGESP. São Paulo, 2002. No prelo.

FAO. **Frutos cítricos frescos e elaborados**: estatísticas. Rome, 2002.

FIGUEIREDO, J. O. de. Variedades copa de valor comercial. In: RODRIGUEZ, O. et al. **Citricultura brasileira**. 2. ed. Campinas, SP: Fundação Cargill, 1991. v. 1, p. 228-64.

IRRIGAÇÃO para a fruticultura irrigada. **Frutifatos**, Brasília, v. 2, n. 2, jun. 2002.

OLIVETTE, M. P. A.; CASER, D. V.; CAMARGO, A. M. M. P. de. Distribuição da área agrícola: as grandes regiões do Brasil na década de 90. **Agricultura em São Paulo**, São Paulo, v. 49, n. 1, p. 95-125, 2002.

SECEX/MDIC. **Aliceweb**. Disponível em: <<http://alicesweb.mdic.gov.br>>. Acesso em: abr. 2003.

USDA. **Quarterly reference guide to world horticultural trade**. Washington, Jan. 2003.

DIVERSIDADE DO MERCADO DE TANGERINAS

RESUMO: O Brasil, com área plantada superior a 50 mil hectares e produção ao redor de 800 mil toneladas por ano, mantém-se como o quarto produtor mundial de tangerinas. São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia e Minas Gerais somam 90% da área total plantada no País. Os volumes exportados de tangerinas representam apenas 2% a 3% da produção nacional, mas ocupam dentre as frutas cítricas a segunda posição, superadas apenas pela laranja, destinando-se, em grande parte, para os países da União Européia, Canadá e países da Ásia. Em São Paulo houve intenso plantio na década de 1990, desacelerando o ritmo nos últimos 3 anos, principalmente de Poncã e de Tangor Murcote. Os pomares de tangerinas, inúmeros e pequenos, estão espalhados pelas regiões paulistas, de modo que há sempre frutos frescos em condições de maturação para serem comercializados. Em recentes pesquisas realizadas no Estado, verifica-se que a qualidade dos frutos é o principal atributo a ser considerado pelos consumidores.

Palavras-chave: tangerinas, comercialização, mercado, consumidor.

DIVERSITY IN THE TANGERINE MARKET

ABSTRACT: Brazil, with a planted area of over to 50 thousand hectares and a production of about of 800 thousand tons a year, ranks fourth in world production of tangerines. The states of São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia and Minas Gerais account for 90% of the country's overall planted area. Despite representing only 2% to 3% of domestic production, the exported volumes of tangerines rank second among the citrus fruits (behind only oranges), and are largely destined for the European Union, Canada and Asian countries. There was intensive planting in the state of São Paulo in the nineties decade, followed by a slow-down in the last 3 years, mainly of the Ponkan (*Citrus reticulata* Blanco) and the Tangor Murcote (*Citrus sinensis* L.) varieties. The groves of tangerines are countless, small and spread out across the state of São Paulo, fresh maturing fruits are always ready to be marketed. Recent studies carried out in the State verified that the quality of the fruits is the feature that best satisfies consumers.

Key-words: tangerine, trade, market, consumer.

Recebido em 01/07/2004. Liberado para publicação em 28/10/2003.